

CHILDHOOD & PHILOSOPHY.

20 ANOS DE UM PERIÓDICO INFANTIL COM NOME ESTRANGEIRO E TEXTUALIDADES EM MUITAS LÍNGUASⁱ

CHILDHOOD & PHILOSOPHY.

20 YEARS OF A CHILDLIKE JOURNAL WITH A FOREIGN NAME AND TEXTUALITIES IN
MANY LANGUAGES

<https://orcid.org/0000-0002-2263-9732>  Walter Omar Kohan^A
<https://orcid.org/0000-0001-8539-5061>  Magda Costa Carvalho^B
<https://orcid.org/0000-0001-7983-8612>  Simone Berle^C

^A UERJ, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

^B UAc: Universidade dos Açores, Ponta Delgada, Açores; IF: Instituto de Filosofia da Universidade do
Porto, Portugal

^C Coluni – UFF, Niterói, RJ, Brasil

Recebido em: 16 jun. 2025 | Aceito em: 09 out. 2025

Correspondência: Walter Omar Kohan (wokohan@gmail.com)

Resumo

Trata-se neste ensaio de pensar sobre os mais de vinte anos de existência do periódico *childhood & philosophy*, revista produzida pelo Núcleo de Estudos de Filosofias e Infâncias (NEFI) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) em parceria com o International Council for Philosophical Inquiry with Children (ICPIC). O texto percorre alguns dos caminhos e desafios que se têm apresentado à revista desde os seus inícios em 2005 até ao presente. *childhood & philosophy* é uma revista multilíngue e polifônica, que se dedica às interseções e relações entre a filosofia, a infância, as filosofias da infância e a indagação filosófica com crianças, sendo reconhecida e lida em mais de cinquenta países do mundo. Neste texto, três dos seus editores refletem sobre algumas linhas de força desse percurso, focando o momento atual da revista dentro do campo das publicações periódicas na área de Educação Filosófica no Brasil. Dado o escopo da revista, a reflexão busca a emergência de sentidos infantis a partir do trabalho realizado (seja nos textos publicados, seja nos modos de trabalho que se foram construindo) procurando explorar as miudezas e as minudências com que nos temos ocupado.

Palavras-chave: infância; filosofia; educação filosófica com infâncias; polifonia; periódico científico



2025 Kohan; Carvalho; Berle. Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição Não Comercial-Compartilha Igual (CC BY-NC- 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução para fins não comerciais, com a citação dos autores e da fonte original e sob a mesma licença.

Abstract

This essay reflects on the more than twenty years of existence of the journal *childhood & philosophy*, a journal produced by the Center for the Study of Philosophy and Childhoods (NEFI) at the State University of Rio de Janeiro (UERJ) in partnership with the International Council for Philosophical Inquiry with Children (ICPIC). The text explores some of the paths and challenges the journal has faced since its inception in 2005. *childhood & philosophy* is a multilingual and polyphonic journal dedicated to the intersections and relationships between philosophy, childhood, philosophies of childhood, and philosophical inquiry with children. It is recognized and read in over fifty countries worldwide. In this text, three of its editors reflect on some of the guiding principles of this journey, focusing on the journal's current position within the field of periodical publications in the field of Philosophical Education in Brazil. Given the scope of the magazine, the reflection seeks the emergence of children's meanings from the work carried out (whether in the published texts or in the ways of working that have been constructed), seeking to explore the details and minutiae with which we have dealt.

Keywords: childhood; philosophy; philosophical education with childhoods; polyphony; scientific journal

Primeiros passos e sentidos

*Será que a filosofia já nasceu criança
ou adulta ou idosa?*

Rita Lima, 3.º ano, Escola Antônio Santos Botelho,
Vila Franca do Campo, Açores, maio, 2025

O mundo acadêmico está cheio de boas publicações e nas universidades e centros de investigação abundam revistas empenhadas e engajadas no aprofundamento de temáticas pertinentes e atuais. Por isso, manter a publicação de (mais) um periódico entre esses tantos faz-nos regressar aos motivos pelos quais ele nasceu e se mantém. No caso de *childhood & philosophy*, este regresso transporta-nos para a sua história e ajuda-nos a refletir sobre os vinte anos de existência do periódico, desde seus inícios em 2005 até os desafios do presente.

O primeiro aspecto da revista que pode chamar a atenção de leitoras e leitores talvez seja o seu nome, de modo que seria interessante parar para pensar por que esse nome, por que em inglês e por que a reunião dessas duas palavras: *childhood* e *philosophy*. Infância e filosofia. E também talvez chame ao mesmo tempo a atenção o fato de o título da revista e a sua página *web* estarem maioritariamente exibidas em letras minúsculas.

Sobre as minúsculas, na própria página da revista encontramos a justificativa:

a opção pelas letras minúsculas faz parte desta ousadia para chamar a atenção das leitoras e leitores para o minúsculo, o menor, o que parece menos importante e, quem sabe, está chamado a renovar o mundo. é também um compromisso com a igualdade entre todas e todos aqueles que habitam a educação e decidem procurar, na filosofia, outras infâncias e, na infância, outras filosofiasⁱⁱ.

Ou seja, a opção editorial pelas letras minúsculas é um sinal político do lugar e da posição que a infância ocupa na revista e dos lugares que a infância pode projetar para o mundo educacional e filosófico. Não somos originais nessa escolha e seguimos alguns poetas e escritoras que, antes de nós, mostraram o tanto que se pode descobrir a partir de um certo silenciamento das letras maiúsculas. Ruy Belo, poeta do século XX, escreveu algumas das suas obras apenas em letras minúsculas e afirmou que a supressão das maiúsculas permitiria abrir, na receção da leitura, um máximo de possibilidades. O poeta expressava, assim, “o desejo de que palavra alguma levante a cabeça no meio da frase, por mais carregada de sagrado que a história no-la tenha feito chegar” (Belo, 2018, p. 30). Há qualquer coisa de desconstrução e desmistificação neste movimento, que outro escritor português contemporâneo, de várias infâncias, Valter Hugo Mãe, cumpriu igualmente em alguns dos seus livros. No Brasil, Manoel

de Barros também faz diversas reivindicações para o minúsculo, como no seu poema “Retrato do artista quando coisa”:

Aprendo com abelhas do que com aeroplanos.
É um olhar para baixo que eu nasci tendo.
É um olhar para o ser menor, para o
insignificante que eu me criei tendo.
O ser que na sociedade é chutado como uma
barata – cresce de importância para o meu
olho.
Ainda não entendi por que herdei esse olhar para baixo.
Sempre imagino que venha de ancestralidades
machucadas.
Fui criado no mato e aprendi a gostar das
coisinhas do chão –
Antes que das coisas celestiais.
Pessoas pertencidas de abandono me comovem:
tanto quanto as soberbas coisas ínfimas (Barros, 2022, p. 6).

É possível que na revista *childhood & philosophy* tenhamos ancestralidades machucadas. Ou pode ser que estejamos à procura de seres menores, dos miúdos da vida. O poeta al berto ou a escritora bell hooks talvez também estivessem porque estenderam a posição minoritária para lá das suas obras escritas e assumiram os seus próprios nomes e pseudônimos em letras minúsculas... *aprendendo a gostar das coisinhas do chão*. hooks não só pretendia manifestar-se contra sistemas políticos maiúsculos e musculados de opressão e omissão, como afirmava que o mais importante não era a identidade pessoal de quem escreve, mas aquilo para o qual essa escrita pode ser veículoⁱⁱⁱ. À infância nunca são reservados lugares cimeiros, e a ausência de fala que a caracteriza estende-se para além da etimologia. No espaço da *childhood & philosophy*, escrever em minúsculas tem sido uma forma de cambalhotar nesse cenário e, através das resistências e estranhezas gráficas que a opção traz a autores e leitores, um dispositivo de chamar a atenção para o pequenino, o miudinho. No dizer oxímoro de Barros, para “as soberbas coisas ínfimas”.

Sobre o título da revista estar em inglês, talvez sejam importantes algumas considerações que possam ajudar a evitar mal-entendidos. O nome da revista em língua inglesa não respondeu a modismos, a uma tendência acadêmica anglocentrista, nem sequer a especulações sobre os alcances ou efeitos de publicar nessa língua por ser considerada *a língua franca* da ciência no século XXI (Forattini, 1997). Isso pode ser percebido nitidamente pelo fato de a revista, desde os seus inícios, manifestar compromissos com o multilinguismo e a polifonia, aceitando ao longo de sua história textos em línguas pouco habituais nos periódicos

entre nós, como alemão^{iv} e russo^v, para além dos idiomas mais convencionais e também presentes nela: castelhano, francês, italiano, inglês e, claro, português.

Mas, se assim tem sido, por que então insistir em manter o nome em inglês? Pois bem, a revista começou a ser concebida no ano de 2004 por David Kennedy e Walter Kohan. Nesse momento, tinham sido os dois mais recentes presidentes do International Council for Philosophical Inquiry with Children (ICPIC)^{vi}, maior organização mundial que congrega ainda hoje praticantes e investigadores nas áreas da filosofia e da infância. É certo que em 2004 já existiam algumas publicações periódicas nas temáticas da comunidade de investigação filosófica (Sharp, 1987; Kennedy; Kennedy, 2012; Vieira, 2019; Roucau, 2022) – como as já extintas *Thinking. The Journal of Philosophy for Children*, estadunidense, criada no Institute for the Advancement of Philosophy for Children (IAPC), da Montclair State University, por Matthew Lipman^{vii}; a australiana *Creative and Critical Thinking*^{viii}; a atualmente existente *Analytic Teaching and Philosophical Praxis*^{ix}; ou algumas em outras línguas, como a revista *Aprender a pensar*, dos Centros de Filosofia para Niños de países hispânicos e lusofônicos^x. Havia também outros periódicos menos específicos, mas que contemplavam eventualmente textos da área, como a ainda existente *Inquiry: Critical Thinking Across the Disciplines*^{xi}, da mesma Montclair State University. Já mais recentemente foram surgindo outros periódicos sobre a prática da filosofia na Educação Básica, como o *Journal of Philosophy in Schools*^{xii} e o *Precollege Philosophy and Public Practice*^{xiii}.

Não podemos, por isso, dizer que o cenário de publicações que divulgam e promovem pesquisas entre infância e filosofia fosse em 2004, ou seja ainda hoje, desanimador. Contudo, em 2004, percebemos que todas as revistas existentes estavam voltadas para a prática da filosofia com crianças, e nenhuma para a problematização ou o aprofundamento das relações entre infância e filosofia. Para além disso, todas eram monolíngues – ou bilíngues, na melhor das hipóteses. Ficariam, assim, de fora do acesso a fóruns de discussão acadêmica um vasto conjunto de colegas de distintos países e culturas que, investigando filosoficamente a infância e com a infância, poderiam encontrar no inglês uma barreira. É, então, curioso que a escolha de uma designação em inglês para nomear um novo periódico não tenha significado qualquer fechamento nos meandros de uma só língua, mas tenha antes procurado colocar a revista nos antípodas disso mesmo. Recusar uma política monolinguista que poderia compactuar silenciosamente com a exclusão de algumas margens seria, também, uma forma de denunciar a perniciosidade de uma crescente hegemonia linguística na academia cada vez mais aceita e

menos questionada. Sem querermos contribuir para nenhuma forma de silenciamento – nem dos colegas de países anglófonos, muitos dos quais apenas falam inglês, nem de quem não domina essa língua – procuramos pôr a revista no ar, aceitando que se possa aprender a voar com as acrobacias incríveis dos aeroplanos, mas também com a fascinante e minuciosa aerodinâmica das abelhas, como nos ensinam aliás os versos de Manoel de Barros.

Para além disso, o ICPIC é uma instituição com mais de quarenta anos de idade e que reúne pessoas de mais de sessenta países. Nos seus Congressos bienais destaca-se a nutrida presença de participantes dos mais diversos contextos geográficos, políticos e culturais. E, nesse cenário, o inglês não deixa de ser uma língua prática que permite a comunicação entre pessoas com idiomas maternos muito distantes. Foi, também, movidas e movidos por esse efeito que nos pareceu importante encontrar uma via linguística que facilitasse trocas e encontros, de modo que consideramos oportuno colocar o título da revista em inglês. Essa opção facilitaria certamente a sua circulação, pelo menos em todos os países onde houvesse membros do ICPIC, e poderia tornar-se apelativo para que autores em pontos distintos do mundo quisessem nela publicar as suas investigações. E assim tem acontecido. Mas sempre longe estivemos de querer consagrar o inglês como a língua oficial do periódico ou como um obstáculo intransponível para as pessoas interessadas em ler ou publicar na revista.

Desse modo, com o risco de perdermos outros leitores e de tornarmos a revista mais emaranhada e menos prática, pareceu-nos essencial convidar a um multilinguismo polifônico nos textos publicados, pois isso, em outro sentido, nos parecia expressar a forma de relação entre infância e filosofia que o próprio periódico pretendia ventilar. Ou seja, os caminhos que escolhíamos poderiam parecer intrincados e os tempos de execução da própria revista antever-se menos ágeis, mas sentimos que essa errância e que essa demora seriam importantes para assegurar, como nossa missão, a qualidade e a potência filosófica e política do periódico, sem descurar a sensibilidade à infância que jamais pretendemos perder de vista.

Aquele início foi mesmo uma aventura. Não nos faltava experiência editorial em revistas acadêmicas, mas *childhood & philosophy* invocava uma postura mais amadora – no sentido da amorosidade no fazer, que está na etimologia da própria palavra “filosofia” – e fazíamos a revista artesanalmente. Os primeiros números foram desafiadores, tanto no que diz respeito ao processo de sua produção, quanto à comunicação com os autores e ao processo de revisão dos textos, que se tornou complexo e demorado precisamente por estarmos trabalhando em diversas línguas. Inicialmente, a revista era de publicação semestral e exclusivamente on-

line. Todos os números, desde o inicial, estão disponíveis para descarga gratuita na página da revista no Portal de Publicações Periódicas Eletrônicas da UERJ^{xiv}, abrindo rastros para as diferentes histórias dos seus começos.

Os primeiros números

a filosofia foi inventada por uma senhora que não queria esquecer que tinha sido menina.

Menina de 3.º ano da Escola Pública Domenico Cirillo,
Bari, Itália, fevereiro, 2017

Começamos miudinho, em pequenino, mas já com a urgência do tanto que poderia acontecer. E, como diz a menina da escola de Bari, para não esquecer que fomos crianças. O primeiro número da revista apresentou-se com um editorial trilingue (português, inglês e castelhano) e doze textos. Sentimo-lo como uma grande vitória. Esse editorial, que Walter Kohan escreveu com David Kennedy, justificava a própria razão da criação de uma revista com a temática de *childhood & philosophy*:

Acreditamos que o interesse para que as crianças façam filosofia é inseparável de uma preocupação com a própria infância. Esta proposição tem como base a observação de que muitos adultos – especialmente adultos que ensinam crianças nas escolas e filósofos profissionais – parecem, na maioria dos casos, desconsiderar ou negar a capacidade da criança para pensar filosoficamente. Tal situação complica-se profundamente ainda mais pelo fato de que pensar as crianças fazendo filosofia significa redefinir a própria filosofia. Portanto, não é suficiente dizer o óbvio – que as crianças não podem fazer filosofia como nós. Pensar a criança fazendo filosofia requer também uma redefinição da própria infância (Kennedy; Kohan, 2005, p. 5-6).

Dentro do pequenino com que a revista começou já se suspeitavam as perturbações das “soberbas coisas ínfimas”, de que fala o poema de Manoel de Barros acima citado. Ou seja, no fundo ou na base da revista está um convite para repensar não apenas a relação entre infância e filosofia, mas a forma em que concebemos cada uma delas. Em primeiro lugar, uma forma comprometida com a **pluralidade**, já que os autores desses textos eram originários de diferentes países: três autoras/es do Brasil, dois da França; e um de cada um dos seguintes países: Argentina, Canadá, Colômbia, Grécia, Itália e Alemanha. Para além disso, um cuidado com a **hospitalidade**: nos oito artigos contidos naquele primeiro número, as/os autoras/es expressavam-se nas suas próprias línguas. Dois desses textos estavam escritos em francês, um em italiano, três em inglês, um em português e um em castelhano. E ainda uma consideração pela **polifonia** ou possibilidade de distintas formas de expressão: além dos artigos, foram

também incluídos três relatos de experiência e uma seleção de diferentes textos e excertos literários (poemas e prosas) sobre a infância, em seis línguas diferentes (russo, italiano, francês, castelhano, inglês e português) (cf. Kohan, 2005).

A esta distância, parece-nos que esse último texto – intitulado “literature and childhood” – vale uma atenção especial mesmo vinte anos depois. Não se trata de um único texto traduzido em seis línguas, mas de uma recolha antológica de seis textos sobre a infância, cada um deles publicado na língua original dos seus autores: Leonid Petrovich Derbenev, Gianni Rodari, Christian Bobin, Manoel de Barros, Theodore Roethke e Subcomandante Insurgente Marcos. O poema de abertura dessa breve antologia marcava já – e com uma pergunta! – a inspiração que a revista procurava: КУДА У ХОДИТ ДЕТСТВО? (*Para onde vai a infância?*).

E para onde vai, então, a infância? Para onde podemos ir nós com ela? De entre esses primeiros artigos, um deles compunha-se como um compêndio de trechos de textos de Platão sobre a infância e as crianças. Aliás, durante vários números da revista procuramos publicar um texto composto com passagens de um filósofo sobre a infância e as crianças. Num cenário em que infância e filosofia não eram temas cruzados com frequência, e procurando fazer jus aos objetivos delineados para a revista, considerou-se que disponibilizar a leitores e leitoras essas recolhas antológicas poderia contribuir para o surgimento de mais pesquisas em torno das suas relações.

Nesses primeiros números da revista, certos artigos foram-se tornando referências na área, por terem sido escritos por alguns dos mais destacados pesquisadores de diversos países. O próprio Matthew Lipman publicou mais de um trabalho na *childhood & philosophy*: uma nota sobre um diálogo, a partir de um livro publicado por uma colega brasileira, acerca da influência de sua obra na educação latino-americana^{xv}, e ainda uma conversa com David Kennedy sobre a obra de Ann Margaret Sharp, quando Lipman já vivia numa instituição por motivos de saúde – e muito pouco tempo antes de falecer.^{xvi} Este último texto é, sem dúvida, uma preciosidade para os estudos em filosofia para e com crianças, por diferentes motivos: não só por ser uma das raras ocasiões em que Lipman reflete sobre a importância do trabalho de Sharp na construção e projeção do projeto do IAPC (cujos louros são tantas vezes, erroneamente, apenas atribuídos a ele), como também recupera o começo de importantes dimensões e conceitos desse projeto, como seja a comunidade de investigação filosófica.

Mas não se pense com isso que a revista pretendia assumir-se como o órgão de divulgação ou defesa de determinados projetos ou de específicas abordagens práticas ao

trabalho filosófico com a infância. Estando sobretudo preocupada em ser um espaço de discussão e pesquisa, foram também publicados na revista, desde o primeiro número, vários textos críticos das perspectivas do IAPC defendidas por Lipman, Sharp e outros colegas^{xvii}, bem como de distintas propostas de filosofia com crianças.^{xviii}

Para além disso, o foco principal da revista desde o início tem sido os estudos da infância, sendo muitos os autores e as autoras que não estão necessariamente ligados ao campo da filosofia com crianças, mas sim ao campo mais amplo da Educação. Destacam-se nesse grupo pensadores como René Scherer^{xix}, Jan Masschelein e Maarten Simons^{xx}, Gert Biesta^{xxi}, Itay Snir^{xxii} ou David Lancy^{xxiii}, cujos textos muito têm contribuído para alargar e aprofundar as discussões que, podendo estar relacionadas com projetos específicos, na realidade se estendem para além deles. Assim, o conjunto de textos publicados nesses vinte anos na revista é uma afirmação da pluralidade da infância, com tantos autores e pesquisas envolvidos na sua composição, ampliando e continuando as possibilidades filosóficas para pensar infâncias.

um corpo editorial

– Quem te ensinou isso menina?
– Eu que me ensinou.^{xxiv}

O gesto de criar o periódico, abrindo espaço de interlocução para um campo de diálogo entre educação, infância e filosofia, muitas vezes visto como menor tanto pela filosofia como pela educação, também se percebe na *forma* como a revista tem sido feita. Ou como fomos aprendendo a fazê-la. Ao olhar para o caminho que trilhamos até aqui, vinte anos depois, recuperamos uma forma pequenina – “miúda”, diríamos, para brincarmos com os sentidos da língua portuguesa – de constituir um *corpo editorial* de uma revista.

A palavra “miúdo”, na língua portuguesa que compartilhamos, tem vários sentidos: pode significar criança (em português de Portugal); algo pequeno ou algo menor (de menos valor); mas pode também ser usada para se referir às entranhas de um animal (às suas minudências). Desse modo, percebemos que o fazer da revista *childhood & philosophy* é “miúdo” em três aspectos: a) o fazer das entranhas como a parte de dentro de um corpo; b) o fazer de uma experiência inaugural de um mundo, como uma criança que nasce; c) o fazer algo pequeno, como um fazer considerado com menos valor. Estes três aspectos intersectam-se em diversos momentos.

O corpo editorial de um periódico é responsável por conduzir o processo de preparação de um texto desde a submissão do manuscrito para revisão até à publicação do artigo. A existência desse corpo se faz no (e com o) encontro entre pessoas que trabalham o texto. A longa lista de etapas desse processo^{xxv} é velha conhecida para quem faz parte de um corpo editorial de periódicos científicos – nas entranhas do processo, por assim dizer –, mas também pode ser algo desconhecido até para quem submete um artigo. Trata-se, aliás, de uma lista em aberto que, à medida que se complexificaram os dispositivos acadêmicos e científicos, tem incorporado mais tarefas ao longo dos anos.

De algum modo, nosso corpo editorial é miúdo porque tem algo de **pequeno na forma em que se constitui**. No princípio, o corpo editorial – designado formalmente como “Equipe Editorial” – manteve-se entre um par de pessoas, considerando o quantitativo de textos recebidos e publicados e as políticas editoriais acadêmicas do início dos anos 2000. Nesse período, vivemos a consolidação da transição de publicação impressa de periódicos científicos para a publicação on-line^{xxvi}. Essa migração imprimiu um outro ritmo de acesso e de produção de ciência, não apenas no Brasil, mas em todo o mundo acadêmico. Por um lado, essa nova situação a que os periódicos ficaram expostos ampliou e democratizou o acesso à informação científica; mas, por outro, gerou a demanda por uma ampliação de publicações. Não só uma ampliação, mas um claro direcionamento de autores para certo tipo de publicações, sobretudo por via da própria forma como a metrificação científica em diferentes áreas foi se ajustando ao longo dos anos^{xxvii}. O crescimento veio, assim, com a imposição de critérios que supostamente garantiriam uma determinada qualidade científica às revistas, tornando-se mais apetrecháveis para os autores.

Na nossa revista, fomos resistindo a um modo de fazer massificado e insistimos na lentidão da manualidade. Pode-se dizer que o trabalho na revista é ainda hoje manual, no sentido que lhe atribui Gaivota (2024, p. 27):

O termo manual está historicamente ligado aos ofícios cujo aprendizado, cuja perícia se dá no tempo, pelo tempo, com o tempo. É esse sentido mais importante e materialista da ideia de manual, mais ligado ao fazer com as mãos, que nos interessa.

É, por isso, um trabalho **pequeno**, miudinho, em que o tempo se faz experiência.

Aprendemos a fazer a revista entre nós, em um exercício de aprendizado nutrido com os/as colegas do NEFI e do ICPIC, entre chegadas e partidas, já que muitas foram as pessoas que se aproximaram para colaborar no trabalho de editoração da revista. Porém, nos mantivemos em um círculo pequeno. Aprender a fazer sempre passou pelo exercício

colaborativo de receber alguém que chega. Do lado de quem chega, experimentar a si mesmo na tarefa de fazer algo e, do lado de quem recebe, acompanhar um/a colega naquilo que está aprendendo a fazer.

Encontramo-nos aqui com outro sentido de miúdo: **criança**. Essa circularidade das pessoas que trabalham ou já trabalharam na *childhood & philosophy* expõe também uma inexperiência ou a falta de pré-requisitos técnicos para compor a Equipe Editorial. Como na brincadeira de pique que acontece no parquinho ou no jogo de altinha que acontece na areia da praia, cada um/a que chega se soma ao jogo que está acontecendo. Cada um/a traz um ritmo, um jeito, um saber que se incorpora ao fazer do grupo. A Equipe Editorial tem uma forma de trabalhar que é aberta ao outro e, por isso, hospitaleira. Com todos os riscos que essa *forma* pode abrir, tal escolha também é uma afirmação política do NEFI. Colaborar com o trabalho na revista *childhood & philosophy*, justo pela filiação com o NEFI, sempre teve algo de desejo, algo de escolar e algo de emancipatório.

Dentro de um círculo de regras, combinados e pactos coletivos que se construíram e nos construíram ao longo desses anos, cada um/a que chegou deixou um pouco de si e levou um pouco de nós... ainda que esse “nós” tenha se refeito tanto quanto as pessoas transitavam. Esse exercício de tomar tempo para aprender a trabalhar um texto, dentro de uma proposta de fazer uma revista científica com regras estabelecidas pela comunidade de pares (como um manual de instruções), é arriscado e nem sempre simples de organizar. Exige assumir o erro e o tempo como elementos desse processo. Escutamos novamente Daniel:

Não há tempo para aprender marcenaria, não há espaço para errar na montagem da mesinha, de modo que um folheto detalhando cada movimento correto é anexado ao produto. Um mundo povoado de manuais, além de um mundo composto por produtos é, por um lado, um mundo em que não se arrisca. Em que é seguro entregar-se ao torpor de não precisar se responsabilizar por qualquer imprevisto (Gaivota, 2024, p. 27).

Na *childhood & philosophy* temos algumas instruções de funcionamento para quem chega, mas respeitamos o tempo da experiência imprevisível que permite o risco e o erro. Qual é o tempo do erro? Que tempo nos permite errar? Esse modo de fazer, de algum modo, subverte a lógica comum do trabalho editorial (pautada pela eficácia e pela eficiência), porém o que aparece para nós ao olhar para esse caminho de vinte anos de revista é que há uma relação educativa que atravessa as ações e gestos do NEFI. Uma relação infantil feita de (in)significâncias e pequenezas (Costa Carvalho, 2023). Nesse sentido, fazer a revista tem sido

um fazer de um Núcleo de Estudos e, portanto, uma ação formativa e retroativa. A ação que forma essa Equipe Editorial vem também dos princípios que constituem o próprio grupo^{xxviii}.

A partir de 2015, deu-se a ampliação do quantitativo de artigos publicados e o ingresso nas primeiras bases de dados, dentre elas o @Educa^{xxix}. Foi um passo importante para a *childhood & philosophy*, já que iniciamos o processo de marcação dos artigos em xml. Podendo parecer apenas um requisito técnico, esse processo tornou-se fundamental para uma maior veiculação dos textos publicados na revista, permitindo uma circulação mais ágil de metadados e dos próprios artigos em diferentes formatos. Para além do processo de avaliação e revisão em forma, estilo e rigor teórico, assegurando os padrões e parâmetros científicos estabelecidos pela comunidade científica, o trabalho cotidiano da revista tornou-se mais demandante. Nossa Equipe Editorial foi se ampliando com colegas que assumiram atividades fixas, dentre elas: a marcação de xml, a tradução de resumos, a revisão de língua, a formatação e, é claro, a editoração. A incorporação da revista a bancos de dados nacionais e internacionais continuou sem interrupções e, em 2019, os textos foram incorporados pelas prestigiosas Scopus e Web of Science.

Retornando a esse olhar de dentro, para as **entranhas** ou os miúdos da Equipe Editorial, ele nos faz pensar sobre esse aspecto de um processo pouco conhecido e, quem sabe por isso, também menorizado. Não esqueçamos que fazer a revista não é escrever para a revista. Ou seja, não há prestígio acadêmico na revisão, formatação e tradução de um resumo. Não se ganham pontos no currículo por se passar horas escrevendo e-mails para solicitar um parecer esquecido, ou cuidando do aspecto gráfico dos textos que outros escreveram. Ainda temos muito que avançar no reconhecimento de tantos trabalhos invisíveis – porém imprescindíveis – da vida acadêmica, como o trabalho, ainda pouco reconhecido, de avaliação dos manuscritos, também essencial para a manutenção de qualquer periódico científico. E certamente temos avançado nesse sentido, na medida em que, a partir do número atual, n. 21 de 2025, damos a opção às e aos pareceristas de publicarem seus pareceres, anônimos ou identificados, na própria revista. Mas há ainda um intenso aprendizado sobre a produção de conhecimento e constituição de campos de pesquisa, que não são instituídos previamente, mas constituídos por pessoas que desejam pensar em conjunto.

Podemos dizer que aprender sobre o trabalho que cada um de nós faz na *childhood & philosophy* passa também por fazer um trabalho sobre si mesmo, uma disponibilidade para pensar-se, para pôr-se em questão. Tal como acontece com a função-autor, para Foucault

(1992), que não é inerente ao texto, mas uma construção social e discursiva que emerge no próprio fazer discursivo: fazendo a revista, a Equipe Editorial também vai se fazendo... ou o contrário.

Assim como a voz da criança que abre esta seção do texto, a inexperiência com o mundo e as coisas do mundo pode se transformar a partir de uma relação educativa que permita a cada um/a tomar um tempo para se ensinar a si mesmo. A atitude de disponibilidade de uma criança para se encontrar com o desconhecido e a exclamação de espanto consigo mesma quando percebe o que aprendeu que pode fazer nos inspira e nos faz desejar essa disponibilidade miúda, de miúdo, de criança, como uma coisa entranhada: *Olha o que fiz! Veja o que fomos capazes de fazer!*

Nesse caso, das nossas entranhas percebemos um movimento de *ex-posição* – sair de uma posição confortável –, para aprender algo ou *e-ducar*, no sentido de deslocar o olhar (não somente ter outra visão, mas aprender a olhar; ou, mais amplamente, não somente ter outra percepção, mas aprender a perceber) (Masschelein, 2008, p. 36-37). Como “a manifestação (aprendizado) de uma força que nos põe em movimento e assim abre o caminho. Ela não nos direciona, não nos leva à terra prometida, mas nos impulsiona. Ela não nos diz aonde ir, mas impulsiona para que nos desloquemos de onde (quem) estamos (somos)” (Masschelein, 2008, p. 36).

Alguns indicadores no presente

Será que é preciso ter tamanho para ter filosofia?
Rita Lima, 3.º ano, Escola Antônio Santos Botelho,
Vila Franca do Campo, Açores, maio, 2025

A fala da menina na epígrafe desta seção questiona se o tamanho será um fator relevante para se ter filosofia. Escutar a sua pergunta leva-nos a outras: será que é preciso ter tamanho para habitar a infância? No caso de uma revista acadêmica sobre a infância, é também preciso que essa revista tenha tamanho? E o que poderá ser o tamanho de uma revista? Algo que se possa medir? As dimensões da projeção dos seus textos nos espaços acadêmicos de especialidade em que a revista se insere? As citações que recebe? Os índices com que a revista é periodicamente avaliada? As mensagens de reconhecimento e agradecimento que a Equipe Editorial vai recebendo ao longo dos anos, por parte de autores, revisores, leitores? O brilho nos olhos de uma menina de 9 anos, ao ler o texto em que a sua pergunta foi citada?

Talvez seja preciso ter alguns tamanhos para habitar a infância. Ou talvez não seja. Na história que temos vindo a contar, do nascimento e crescimento de uma revista sobre infância e filosofia, é importante recuperarmos os começos e vermos para onde eles nos têm levado. No entanto, também não esqueçamos as armadilhas que a ideia de crescimento – sobretudo quando associada às crianças – pode representar, como muito bem nos lembra Claire Cassidy, num outro texto da revista^{xxx}. Por exemplo: a imposição de um estado de melhoramento como o ideal exterior a atingir, e a desconsideração de um tempo presente de experiências e intensidades pelo foco num modelo futuro de produtividade e enorme impacto.

Eis um espaço complexo e paradoxal que a *childhood & philosophy* habita e que nos coloca permanentemente a pergunta por como “crescer” enquanto revista acadêmica sem abandonar a fidelidade a uma ideia de infância não ligada ao “crescimento”. De todas as formas de crescimento, qual seria mais sensível ao compromisso da revista com a infância? É uma pergunta complexa. Seguindo as tendências e os instrumentos mais comuns de verificação do impacto do trabalho da revista, é certo que ela “cresceu” significativamente e o seu “crescimento” pode ser percebido através de diversos outros indicadores: por exemplo, o sistema de avaliação dos textos recebidos.

Até o presente ano de 2025, a revista trabalhava com a avaliação cega por pares, sistema mais comumente difundido entre periódicos acadêmicos. Desde o volume 21, de 2025, e em conformidade com os princípios do movimento da Ciência Aberta a que aderimos, o periódico oferece a autores/as e pareceristas opções de abertura do processo de avaliação por pares, com ou sem identificação dos seus nomes. As/os pareceristas também podem optar por publicar seus pareceres na revista, de forma anônima ou se identificando. Trata-se de procedimentos que começam a dar os primeiros passos em vários outros periódicos e que visam dignificar as tarefas, tantas vezes invisibilizadas e desconsideradas, que estão envolvidas no fazer acadêmico, além de tornar público um processo outrora misterioso e oculto. Referimo-nos, por exemplo, aos esforços que pareceristas colocam na elaboração das suas revisões dos manuscritos, com enormes impactos não só para a qualidade dos textos publicados nas revistas, como também na formação dos próprios autores-investigadores, assim como o imenso trabalho envolvido na escrita de um texto acadêmico, tantas vezes fruto de retornos e reescritas. Certamente, adotar estes princípios de abertura parece-nos uma afirmação da importância de experienciarmos um fazer investigativo longe do modelo de um/a pesquisador/a solitário

enquanto sujeito autônomo e independente, e mais próximo da descoberta de como o encontro com outras vozes e escutas nos pode transformar.

Um outro indicador que revela o significativo “crescimento” da *childhood & philosophy* é a sua periodicidade. Até 2015, no volume 11, números 21 e 22, a revista teve uma periodicidade semestral. Entre 2016 e 2018, ela alterou sua periodicidade para quadrimestral, e, a partir do volume 15, em 2019, foi adotado o sistema de publicação contínua: os artigos são publicados assim que são aprovados, e editados em um único volume. Esse volume fica aberto até terminar o ano civil, altura em que o sumário completo é publicado junto com o último conjunto de artigos.

Outros números revelam um “crescimento” na quantidade de artigos publicados. No primeiro número do volume 1, foram 11 textos; no segundo número do mesmo volume, 12 textos e uma resenha, ou seja, o primeiro volume publicou um total de 23 textos (ou 24, contando com a resenha). O terceiro número do volume 2 publicou 8 textos, e o quarto número deste mesmo volume, 10; ou seja, o volume 2 publicou 18 textos. No terceiro volume, foram 17 textos, e essa média se manteve durante alguns volumes. Já nos últimos volumes, a média é de 40 artigos por volume.

Outro indicador desse crescimento poderiam ser os dossiers ou números especiais que a revista publicou, inexistentes inicialmente até 2011, mas constantes a partir do ano de 2015^{xxxi}. E também a qualidade dos indexadores que acolhem a revista. Em 2025, fomos aceitos na coleção Scielo e a ANVUR italiana, *Agenzia Nazionale di Valutazione del Sistema Universitario e della Ricerca*, nos qualificou como revista A, de excelência.

Poderíamos terminar este texto com planos para o futuro. Contudo, talvez seja mais sensível à pequenez afirmada neste texto voltarmos ao começo, ou seja, a uma pergunta. Como crescer e se manter miúdo ao mesmo tempo? Eis a pergunta que *childhood & philosophy* tem se feito desde a sua infância e não quer deixar de se fazer. Ou em outras palavras: de que forma cuidar da infância no mundo exageradamente adulto das publicações acadêmicas? Deixamos essas perguntas abertas como um convite às leitoras e aos leitores para que visitem nossos textos e nos acompanhem em nossa aventura menina, aberta a todas as idades. E, quem sabe, nessas páginas encontremos novas perguntas que nos ajudem a continuar a inventar infâncias, entre educação e filosofia.

Referências

- BARROS, Manoel de. *Retrato do artista quando coisa*. São Paulo: 2022.
- BELO, Ruy. *Aquele grande rio Eufrates*. Lisboa: Assírio e Alvim, 2018.
- BERLE, Simone. *A infância como caminho de pesquisa: O Núcleo de Estudos de Filosofias e Infâncias (NEFI/PROPEd/UERJ)*. Rio de Janeiro: NEFI, 2018.
- CASSIDY, Claire. Grown-upness or living philosophically? *childhood & philosophy*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 28, p. 481-492, 2017. doi: 10.12957/childphilo.2017.30012.
- COSTA CARVALHO, Magda. Small, Silent, and (In)Significant: Childhood as a Minoritarian Experience of Education. In: ROZZI, R.; TAURO, A.; AVRIEL-AVNI, N.; WRIGHT, T.; MAY JR., R.H. (eds). *Field Environmental Philosophy. Ecology and Ethics*, v. 5. Springer, Cham, 2023. https://doi.org/10.1007/978-3-031-23368-5_21
- FORATTINI, Oswaldo Paulo, A língua franca da ciência. *Rev. Saúde Pública*, v. 31, n. 1, p. 3-8, 1997.
- FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: *O que é um autor?* Lisboa: Passagens, 1992. p. 126-160.
- GAIVOTA, Daniel. *Escolas invisíveis: dobras para uma críptica da visão pura*. Rio de Janeiro: NEFI, 2024.
- KENNEDY, Nadia; KENNEDY, David. Community of Philosophical Inquiry as a Discursive Structure, and its Role in School Curriculum Design. In: VANSIELEGHEM, Nancy; KENNEDY, David (eds.). *Philosophy for Children in Transition: Problems and Prospects*. Nova Jersey: Blackwell Publishing Ltd, 2012. p. 97-116.
- KENNEDY, David Knowles; KOHAN, Walter Omar. boas vindas dos editores – editors' welcome – bienvenida de los editores. *childhood & philosophy*, v. 1, n. 1, p. 5-10, 2005.
- KOHAN, Walter Omar. Словесностьвпожаловать, letteratura e Infanzia, litterature et enfance, literatura e Infância, literature and childhood, literatura e Infancia. *childhood & philosophy*, v. 1, n. 1, p. 287-297, 2005.
- KOHAN, Walter Omar; CONTAGE, Daniel; ALMEIDA, Carlineide. Núcleo de Estudos de Filosofias e Infâncias (NEFI): um percurso para pensarmos o campo do ensino de filosofia no Brasil. *Educação e Filosofia*. v. 38, p. 1-26, 2014. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/68059>. Acesso em: 6 jun. 2025. doi: 10.14393/revedfil.v38a2024-68059.
- MASSCHELEIN, Jan. E-ducando o Olhar: a necessidade de uma pedagogia pobre. *Educação & Realidade*, v. 33, n. 1, 2008. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/6685>. Acesso em: 6 jun. 2025.
- MATTEDI, Marcos Antônio; SPIESS, Maiko Rafael. A avaliação da produtividade científica. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 3, jul.-set., p. 623-643, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-59702017000300005>. Acesso em: 6 jun. 2025.
- PLIEGO JR., Josefredo R. Avaliação dos Cientistas: Utilizamos As Métricas Corretas? *Quim. Nova*, v. 46, n. 2, p. 222-228, 2023. doi: <https://doi.org/10.21577/0100-4042.20170955>

ROUCAU, B. *Navigating Disagreement in Democratic Education: The Potential of the Community of Philosophical Inquiry*. PhD Thesis. University of Wellington, New Zealand, 2022.

SCHNEIDER, Marilda Pasqual; DANIELEWICZ, Tailândia Guzzi. Trajetória histórica de um periódico científico: percursos, percalços e desafios. *Conjectura: Filosofia e Educação*, v. 24, p. 1-18, 2019. doi: 10.18226/21784612.v24.e019025.

SILVA, José Aparecido da; BIANCHI, Maria de Lourdes Pires. Cintometria: a métrica da ciência. *Paidéia*, v. 11, n. 20, p. 5-10, 2001. doi: <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2001000200002>.

SHARP, Ann Margaret. What is a community of inquiry? *Journal of Moral Education*, v. 16, n. 1, p. 37-44, 1987.

VIEIRA, Paula. Intersubjetividade: um olhar sobre a comunidade de investigação filosófica. *childhood & philosophy*, Rio de Janeiro, v. 15, p. 1-21, 2019. doi: 10.12957/childphilo.2019.42218.

Anexo

Lista de Dossiês publicados na *childhood & philosophy*:

Vol. 7 No. 14 (2011): jul./dez. este número inclui quatro trabalhos premiados no Concurso Nacional de Artigos Sobre Educação para a Diversidade, edital 03/2011 da Associação Nacional de Pós-Graduação em Educação (ANPEd)..”

Vol. 11 No. 21 (2015): jan./jun.: “a novela filosófica com crianças”, com 7 textos

Vol. 12 No. 23 (2016): jan./abr.: “incêndios: infâncias do presente”, dedicado à peça de teatro de wadji mouawad, “Incêndios”, e ao filme homônimo a que ela deu origem, com 9 textos.

Vol. 12 No. 24 (2016): may./aug.: dossier que visa problematizar os dispositivos de biopoder da escola e a formação do empreendedor de si ao qual tem se destinado na atualidade, como parte das estratégias do investimento educacional do neoliberalismo, com 10 textos

Vol. 13 No. 28 (2017): set./dez.: “gert biesta and philosophical work with children”, com 14 textos + a resposta do biesta

Vol. 14 No. 29 (2018): jan./apr.: “estudos da infância: diálogos contemporâneos”, com 12 textos

Vol. 14 No. 30 (2018): may./aug.: “sobre infância, experiência e formação docente”, com 9 textos.

Vol. 14 No. 31 (2018): sep./dec.: dossier “à escuta da infância”, com 10 textos.

Vol. 15 (2019): “philosophical inquiry with children: new voices”, com 19 textos.

Vol. 16 (2020): “philosophy and childhood: theory and practice”, com 8 textos e “estudos da infância: politizações e estesias”, com 13 textos.

Vol. 17 (2021): “ethical implications of practicing philosophy with children and adults: irony, misogyny and narcissism on debate”, com 7 textos;

Vol. 17 (2021): “childhood and necropolitics: other possibles”, com 9 textos.

Vol. 18 (2022): “estudos da infância: movimentos, limiares e fronteiras”, com 12 textos.

Vol. 19 (2023): “the present and the future of doing philosophy with children, com 7 textos;

Vol. 19 (2023): “philosophy in and beyond the classroom: P4C across cultural, social, and political differences”, com 14 textos

Vol. 20 (2024): "confronting adultcentrism in educational philosophies and institutions", com 12 textos

Vol. 21 (2025): “philosophy with children across boundaries”, no prelo com 12 textos já publicados;

Próximos dossiês, em preparação para 2026:

"racism, colonialism and philosophy for /with children: praxis in non-ideal contexts."

Revista Interinstitucional Artes de Educar. Rio de Janeiro, V. 11, Número Especial - pág. 18-38 set-dez de 2025:

“10 anos da Revista Interinstitucional Artes de Educar” – DOI: 10.12957/riae.2025.92352

“tons menores em torno da psicologia, educação e infância”.

ⁱ Agradecemos a Priscila Liz e a Arthur Henrique por observações a uma primeira versão do texto. Agradecemos também aos financiamentos do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq/ processos 310553/2023-7, 420760/2023-7 e 401609/2024-3 e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro – FAPERJ/ processo E26-201.039/2022.

ⁱⁱ Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/childhood/about>.

ⁱⁱⁱ <https://bellhooksbooks.com/faq-items/why-did-bell-hooks-want-her-name-lowercase/>

^{iv} weber, barbara. die würde der zukunft ist unantastbar. der generationsübergreifende dialog über philosophie und werte bei g. matthews im diskurs mit h. arendt und e. lévinas. *childhood & philosophy*, rio de janeiro, v.1, n.2, 373-394, 2005; zierer, klaus, sapere aude! überlegungen zum philosophieren mit kindern. *childhood & philosophy*, rio de janeiro, v. 1, n. 2, p. 395-420, 2005; marsal, eva. individuation durch das freie spiel der erfahrung.von nietzsches metaphysisch-pädagogischem konzept zu john deweys gesellschaftspolitisch-pädagogischem konzept. individuation durch das freie spiel der erfahrung.von nietzsches metaphysisch-pädagogischem konzept zu john deweys gesellschaftspolitisch-pädagogischem konzept *childhood & philosophy*, rio de janeiro, v. 5, n. 9, jan./jun., p. 103-115, 2009; zierer, klaus, moralerziehung durch dilemma-diskussionen ein neuer ansatz zum philosophieren mit kindern. *childhood & philosophy*, rio de janeiro, v. 4, n. 8, p. 77-84, jul./dez.2008.

^v Lushyn, Pavel. “Perspectiva humanística, autoritária e eco-psicológica na educação – ou repensando a filosofia para crianças sob a ordem da globalização. *childhood & philosophy*, rio de janeiro, v. 4, n. 7, jan./jun. p. 173-192, 2008.

^{vi} Disponível em: <https://www.icpic.org/>.

^{vii} Recentemente, a revista foi disponibilizada integralmente na página do *Institute for the Development of Philosophy for Children* (IAPC) da *Montclair State University* (MSU): <https://www.montclair.edu/iapc/thinking-the-journal-of-philosophy-for-children/>.

^{viii} Encontra-se na Biblioteca Nacional de Austrália, sob pedido: <https://catalogue.nla.gov.au/catalog/875043>.

^{ix} Editada por Jason J. Howard na Viterbo University: <https://journal.viterbo.edu/index.php/atpp>.

^x Na sua primeira época, era impressa e tinha uma certa difusão nos anos 1990. Recentemente teve uma “Nova época” a partir de 2014, em formato virtual. A revista é editada por José María G. de la Torre, dono das Ediciones de la Torre, responsável pela sua impressão na época inicial da revista. É também a Editora onde está publicado o currículo completo do Programa Curricular de Filosofia para Crianças, do IAPC, em língua castelhana. Na nova época de *Aprender a pensar*, a revista é uma publicação de divulgação da editora (<https://revistaaprenderapensar.wordpress.com/>), mas sem qualquer foco específico na filosofia para crianças.

^{xi} Disponível em: <https://www.pdcnet.org/inquiryct/Inquiry:-Critical-Thinking-Across-the-Disciplines>.

^{xii} Disponível em: <https://jps.bham.ac.uk>.

^{xiii} Disponível em: <https://www.pdcnet.org/p4/Precollege-Philosophy-and-Public-Practice>.

^{xiv} Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/childhood/>, entrando na aba “Arquivos”. Inicialmente, os arquivos da revista estavam no site filoeduc.org/childphilo, atualmente inativo.

^{xv} lipman, matthew. notes toward a metaphysics of wonder: appreciative reflections on leoni henning’s o pragmatismo em lipman e sua influência na américa latina. *childhood & philosophy*, rio de janeiro, v. 1, n. 2, p. 501-510, jul./dez. 2005.

^{xvi} kennedy, david. a contribuição de ann sharp: uma conversa com matthew lipman. *childhood & philosophy*, rio de janeiro, v. 6, n. 11, p. 11-19, 2010.

^{xvii} lebuais, pierre. regard critique sur la “méthode lipman”: philosophie et pédagogie en action. *childhood & philosophy*, rio de janeiro, v.1, n.1, p. 89-110, jan./jun. 2005.

^{xviii} Dentre outros, brenifier, oscar. nasruddin hodja, a master of the negative way. *childhood & philosophy*, rio de janeiro, v.2, n.3, p. 29-54, jan./jul. 2006; tozzi, michel. recherche sur les compétences induites par les dvp (discussions à visée philosophique). chez les enseignants et les élèves de l'école a. balard (zep la mosson, la paillade montpellier) 2004-2006. *childhood & philosophy*, rio de janeiro, v. 2, n. 4, p. 231-270, jul./dez. 2005; sátiro, angélica. filosofía y praxis social: un proyecto de desarrollo de imaginación ética en latinoamérica. *childhood & philosophy*, rio de janeiro, v. 2, n.4, p. 293-304, jul./dez. 2005

^{xix} schérer, rené, enfance: pédagogie ou éducation? *childhood & philosophy*, rio de janeiro, v. 1, n. 1, p. 187-200, jan./jun. 2005.

^{xx} masschelein e simmons publicaram vários textos na revista, dentre eles: a língua da escola: alienadora ou emancipadora? *childhood & philosophy*, rio de janeiro, v. 13, n. 27, p. 193-212, 2017.

^{xxi} biesta, gert. tocando a alma? explorando uma visão alternativa para o trabalho filosófica com crianças e jovens. *childhood & philosophy*, rio de janeiro, v. 13, n. 28, p. 415-452, 2017.

^{xxii} snir, itay. childism and minority cultures in school. *childhood & philosophy*, Rio de Janeiro, v. 20, p. 1-20, 2024. doi: 10.12957/childphilo.2024.81824.

^{xxiii} lancy, david; medaets, chantal; tebet, gabriela; pires, flávia. "the anthropology of childhood is here to stay": interview with david lancy. *childhood & philosophy*, Rio de Janeiro, v. 20, p. 1-20, 2024. doi: 10.12957/childphilo.2024.82578.

^{xxiv} Pereira, Maria Amélia. *Eu que me ensinou*. Escola Casa Redonda, 2004. Disponível em: <https://vimeo.com/channels/escolacasaredonda/210308284>.

^{xxv} O percurso dos textos depois de submetidos pelas/os autoras/es pode não ser exatamente o mesmo em todas as revistas. No entanto, as principais etapas serão mais ou menos próximas, o que é assegurado pelos próprios softwares usados pelos periódicos nas suas plataformas on-line (estes programas informáticos têm sido aprimorados nos últimos anos, facilitando bastante o trabalho das equipes editoriais). Após a submissão em formulário próprio, a/o Editor/a-chefe recebe o texto, verifica se está formalmente em conformidade com as normas da revista e também se entra no escopo dos seus temas. Então, um assistente editorial passa o texto por um programa de antiplágio para detectar eventuais casos de fraude (plágio, autoplágio ou recurso não declarado a IA). A/o Editor-chefe pode assumir a edição do texto ou então designa um/a Editor/a associado/a – ou convidado, no caso dos dossiês – para esse efeito. Em seguida, a/o Editor/a encarregado/a do texto designa dois/duas pareceristas para fazerem a avaliação do manuscrito. Cada avaliador/a pode escolher seguir os princípios da Ciência Aberta em relação a revelar a sua identidade e a publicar o seu parecer, ou então manter o anonimato da avaliação. Depois de terminada a avaliação, o/a avaliador/a faz a devolutiva da sua leitura com um parecer (podendo sugerir que o texto seja publicado sem revisões, que seja alvo de revisões menores, de uma revisão profunda, ou até que não seja publicado). Caso haja discrepância ou discordância entre os pareceres, a/o Editor/a pode solicitar outra revisão por um/a terceiro/a parecerista. A/o Editor/a faz a leitura e devolutiva dos pareceres para as/os autoras/es do artigo, encaminhando as sugestões das/os avaliadoras/es no caso de haver correções necessárias (a/o Editor/a também pode filtrar os pareceres, caso considere necessário acrescentar algum aspecto importante que tenha a ver com a política geral da revista). As/os Autores realizam então as correções ao manuscrito, remetendo novamente a/o Editor/a uma versão corrigida do texto. Caso tenham sido solicitadas alterações de maior monta, a/o Editor/a pode enviar esta nova versão do texto às/aos revisoras/es, para que validem as alterações feitas. Uma vez aceito para publicação pelas/os revisoras/es e Editor/a, o texto é então enviado para o Comitê de Editoração da revista, que tratará de toda a formatação e produção final do texto (este processo também inclui várias etapas, que se prendem com as questões gráficas, mas também de tradução dos títulos, resumos e palavras-chave, assim como da revisão da língua e das referências e citações feitas).

Revista Interinstitucional Artes de Educar. Rio de Janeiro, V. 11, Número Especial - pág. 18-38 set-dez de 2025: “10 anos da Revista Interinstitucional Artes de Educar” – DOI: 10.12957/riae.2025.92352

^{xxvi} Cf. Schneider; Danielewicz, 2019, p. 9.

^{xxvii} Cf. Mattedi; Spiess, 2017; Pliego Jr., 2023; Silva; Bianchi, 2001.

^{xxviii} Sobre o NEFI, cf. Berle, 2018 e Kohan; Contage; Almeida, 2024.

^{xxix} Trata-se de um indexador que objetiva proporcionar um amplo acesso a coleções de periódicos científicos na área da educação. O Educ@ foi implementado em 2010, por iniciativa da Fundação Carlos Chagas (FCC). Utilizando-se da metodologia SciELO para publicação em acesso aberto de periódicos científicos on-line, tem o propósito de ampliar a divulgação da produção acadêmica e científica da área de educação.

^{xxx} cassidy, claire. grown-upness or living philosophically? *childhood & philosophy*, v. 13, n. 28, p. 481–492, 2017. doi: 10.12957/childphilo.2017.30012.

^{xxxi} Deixamos em anexo uma relação dos dossiers já publicados e em processo de publicação na revista.